



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0281/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 15/10/2025**

**Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita
reúne-se com homólogo português em Riade**



O ministro dos Negócios Estrangeiros saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem terça-feira em Riade, o seu homólogo português, Paulo Rangel.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem terça-feira, em Riade o seu homólogo português, Paulo Rangel.

A cooperação saudita-portuguesa e as formas de apoiá-la e desenvolvê-la em vários campos foram discutidas. Os dois funcionários também discutiram os desenvolvimentos regionais e internacionais mais proeminentes e os esforços que estão sendo feitos em relação a eles. **Fonte-Arab News.**

Ministro da Comunicação saudita se reúne com Mark Zuckerberg



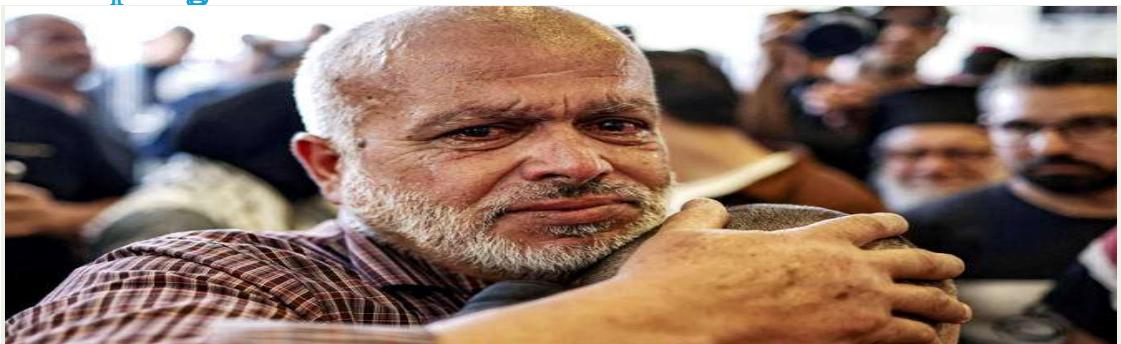
Abdullah Al-Swaha (esquerda) e Mark Zuckerberg.

O ministro saudita das Comunicações e Tecnologia da Informação, Abdullah Al-Swaha, reuniu-se com Mark Zuckerberg, fundador, presidente e CEO da Meta, durante a sua visita oficial aos EUA.

A visita faz parte dos esforços do Reino para fortalecer parcerias estratégicas em inteligência artificial e soluções digitais inovadoras, informou a Agência de Imprensa Saudita.

Os dois discutiram oportunidades de colaboração em IA, grandes modelos de linguagem, metaverso e IA generativa, bem como iniciativas para capacitar inovadores e desenvolvedores, aprimorar as capacidades nacionais e reforçar a liderança do Reino em tecnologias futuras. **Fonte-Arab News.**

Sobrinho de Arafat retorna à Cisjordânia com plano para Gaza pós-guerra



Um dos prisioneiros palestinos, que foi libertado em uma troca de prisioneiros e reféns e um acordo de cessar-fogo entre Israel e o Hamas, é abraçado por seu pai na chegada de ônibus ao Centro Cultural Ramallah em Ramallah, na Cisjordânia ocupada, em 13 de outubro de 2025, vindo da prisão militar de Ofer, nos territórios palestinos ocupados por Israel.

Um sobrinho do falecido líder palestino Yasser Arafat retornou à Cisjordânia após quatro anos de autoexílio, delineando um roteiro para garantir a paz em Gaza com o

Hamas se transformando em um partido político e declarando sua disposição de ajudar a governar.

Nasser Al-Qudwa, um crítico proeminente da actual liderança palestina, também pediu "um sério confronto contra a corrupção neste país". Ele disse que o Movimento Fatah, do presidente Mahmoud Abbas, precisa de uma reforma profunda e deve fazer mais para combater a violência dos colonos judeus na Cisjordânia ocupada por Israel. "O primeiro dever ... é recuperar a confiança na rua - algo que perdemos - e temos que ser corajosos o suficiente e dizer que não a temos mais, e sem ela, francamente, é inútil", disse Qudwa.

Qudwa deixou a Cisjordânia em 2021 depois de ser expulso do Fatah, o movimento fundado por seu tio, por causa de sua decisão de apresentar sua própria lista nas eleições, desafiando Abbas, que cancelou a votação. Ele disse que a supervisão internacional seria "boa", mas Gaza deve ser governada por palestinos e eles devem ser capazes de realizar eleições, realizadas pela última vez em 2006. **Fonte-Reuters**.

Egipto assina acordo de perfuração com a BP-Valaris para aumentar produção de gás no Mediterrâneo



O ministro dos Petróleos, Karim Badawi, testemunhou a assinatura do acordo.

O Egipto assinou um novo contrato de perfuração offshore com a BP e a Valaris, com sede nos Estados Unidos, para cinco poços de gás no Mar Mediterrâneo, à medida que acelera os esforços para aumentar a produção e atrair investimentos estrangeiros.

O ministro dos Petróleos, Karim Badawi, testemunhou a assinatura do acordo, que marca o lançamento do mais recente programa de perfuração da BP no Egipto. O projecto terá como alvo cinco poços de gás natural em profundidades que variam de 300 a 1.500 metros, usando a plataforma de perfuração em águas profundas Valaris 12-DS, disse o ministério em um comunicado. A iniciativa está alinhada com a estratégia do Ministério dos Petróleos e Recursos Minerais de impulsionar o investimento internacional e ampliar os esforços de exploração no país do norte de África. Também dá continuidade à parceria de mais de 60 anos da BP com o sector petrolífero do Egipto como um importante parceiro na exploração e produção de petróleo e gás. "A BP é um dos parceiros estratégicos mais importantes do sector petrolífero na produção de gás natural", disse Badawi, segundo o ministério. Ele acrescentou que os recentes projectos de produção de gás no Mediterrâneo foram "fundamentais para aumentar a produção

doméstica de gás e garantir novos recursos durante o pico de consumo no verão". O contrato foi assinado na presença de Mahmoud Abdel Hamid, CEO da Egyptian Natural Gas Holding Co., após um memorando de entendimento no mês passado em Londres entre a EGAS e a BP que o ministro havia assinado.

Nader Zaki, presidente regional da BP para o Médio Oriente e Norte de África, disse que a assinatura fortalece a parceria de longa data com o Egito e é um passo estratégico para desenvolver mais recursos de gás no Delta do Nilo. **Fonte-Arab News.**

Congo e M23 assinam acordo em Doha sobre monitoramento de cessar-fogo



Sob os termos do acordo, um órgão de monitoramento do cessar-fogo será formado com representantes do Congo, do M23 e da Conferência Internacional sobre a Região dos Grandes Lagos, composta por 12 países.

O Congo e o grupo rebelde M23 assinaram ontem terça-feira um acordo para o monitoramento de um eventual "cessar-fogo permanente", um passo para potencialmente acabar com os combates no leste do Congo. O acordo é um sinal de progresso nas negociações mediadas pelo Qatar depois que os dois lados perderam o prazo de 18 de agosto para finalizar um acordo de paz. O Qatar sediou várias rondas de negociações directas entre o governo do Congo e os rebeldes desde abril, mas até agora lidaram em grande parte com pré-condições e medidas de construção de confiança.

O acordo de monitoramento do cessar-fogo foi um dos dois passos principais a serem concluídos antes que as negociações para um acordo de paz abrangente pudessem começar, disseram as fontes. O segundo foi um acordo sobre uma troca de prisioneiros de guerra que foi assinado em setembro, embora a troca em si não tenha acontecido.

O M23 não respondeu imediatamente a um pedido de comentário. O porta-voz do governo congolês, Patrick Muyaya, confirmou que o acordo foi assinado. Sob os termos do acordo, um órgão de monitoramento do cessar-fogo será formado com representantes do Congo, do M23 e da Conferência Internacional sobre a Região dos Grandes Lagos, composta por 12 países. Este órgão será mandatado para investigar relatos de supostas violações do cessar-fogo e deve se reunir no máximo sete dias após sua criação. A missão de paz da ONU no Congo, conhecida como MONUSCO, será um "participante adicional" e "fornecerá coordenação logística".

O líder do M23, Bertrand Bisimwa, disse à Reuters no início deste mês que se opunha a qualquer papel operacional da MONUSCO no monitoramento do cessar-fogo, descrevendo-a como um actor beligerante porque seu mandato inclui apoiar o exército

do Congo. Representantes da União Africana, Qatar e Estados Unidos participarão como observadores. O M23, apoiado por Ruanda, realizou uma ofensiva relâmpago no leste do Congo este ano, tomando as duas maiores cidades da região e estimulando combates que mataram milhares de pessoas e deslocaram centenas de milhares. O governo do presidente dos EUA, Donald Trump, negociou um acordo de paz separado entre o Congo e Ruanda em junho. Trump disse que quer trazer paz à região e facilitar os investimentos em seu setor de minerais.

Trump disse que a guerra acabou, mas Huang Xia, enviado especial da ONU para a região dos Grandes Lagos, disse ao Conselho de Segurança da ONU na passada segunda-feira que os combates continuam. "Embora todos esses esforços de paz africanos e internacionais sejam louváveis e promissores, eles até agora não cumpriram suas promessas – o cessar-fogo acordado não está sendo respeitado", disse Huang. "Após uma breve trégua, as partes em conflito se reagruparam e retomaram as operações militares." **Fonte-Reuters.**

[**Príncipe herdeiro da Jordânia elogia reconhecimento do Estado palestino pelo Reino Unido**](#)



O Príncipe herdeiro da Jordânia, Hussein bin Abdullah, reuniu-se ontem terça-feira, com a secretária das Relações Exteriores britânica, Yvette Cooper.

O Príncipe herdeiro da Jordânia, Hussein bin Abdullah, se reuniu ontem terça-feira, com a secretária das Relações Exteriores Britânica, Yvette Cooper. Ele também conversou com a presidente da Câmara dos Comuns do Reino Unido, Lindsay Hoyle, e a presidente do Comitê de Desenvolvimento Internacional, Sarah Champion. Durante as reuniões em Londres, o Príncipe herdeiro destacou a parceria profundamente enraizada entre a Jordânia e o Reino Unido, expressando orgulho pela força da cooperação bilateral nos sectores político, econômico e educacional. Ele também reafirmou a prontidão da Jordânia para melhorar a colaboração em tecnologia e inovação. Discutindo os desenvolvimentos regionais, o Príncipe Hussein elogiou o recente reconhecimento do Estado da Palestina pelo Reino Unido e pediu esforços intensificados para alcançar uma paz justa e duradoura baseada na solução de dois Estados. Ele ressaltou a importância de implementar todas as etapas do acordo para acabar com a guerra em Gaza, enfatizando que a prioridade imediata deve ser a entrega de ajuda humanitária, dada a situação crítica na região.

O Príncipe herdeiro também enfatizou a necessidade de apoiar a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina, descrevendo a agência como uma tábua de salvação vital para muitos palestinos. Ele discutiu com Cooper a necessidade de apoiar os esforços da Autoridade Nacional Palestina para servir aos interesses de todos os palestinos, além de apoiar os esforços da Síria e do Líbano para manter sua estabilidade, soberania e integridade territorial. O embaixador da Jordânia no Reino Unido, Manar Dabbas, também participou nas reuniões. O Príncipe Hussein visitou também o South Bank Technical College, onde se encontrou com representantes da empresa global de educação Pearson, e foi acompanhado na viagem por sua esposa, a Princesa Rajwa Al-Hussein. **Fonte-Reuters.**

Clãs e grupos armados estão desafiando o Hamas na Faixa de Gaza



Esta imagem de um vídeo divulgado pelo canal Telegram da TV al-Aqsa, administrada pelo Hamas, em 13 de outubro de 2025, mostra combatentes armados do Hamas atrás de homens vendados, amarrados e ajoelhados enquanto uma multidão os cerca em uma rua da Cidade de Gaza.

À medida que a guerra em Gaza se arrastava, o Hamas enfrentava crescentes desafios internos ao controle de Gaza por parte de rivais de longa data, muitos deles filiados a poderosos clãs locais. Desde que o cessar-fogo da passada sexta-feira entrou em vigor, o Hamas tem procurado se reafirmar, matando dezenas de opositores em uma repressão depois de parecer obter um aceno dos EUA para policiar temporariamente o enclave destruído. A seguir estão alguns dos principais clãs e figuras cujos membros entraram em confronto com as forças do Hamas nos últimos dois anos.

Clã Abu Shabab: Yasser Abu Shabab, com sede na área de Rafah, é o líder mais proeminente do clã anti-Hamas. Ele opera em uma parte do sul de Gaza ainda ocupada pelas forças israelenses. Segundo uma fonte, seu grupo recrutou centenas de combatentes oferecendo salários atraentes. O Hamas o acusa de colaborar com Israel, uma acusação que ele nega. Sua força pessoal é estimada em cerca de 400 homens.

Clã Doghmosh: O clã Doghmosh é um dos maiores e mais poderosos da Faixa de Gaza e historicamente tem sido bem armado. Mumtaz Doghmosh, um importante líder do clã, liderou anteriormente o braço armado dos Comitês de Resistência Popular na Cidade de Gaza. Mais tarde, ele formou o "Exército do Islão", que declarou lealdade ao Daesh. O paradeiro de Mumtaz Doghmosh é desconhecido desde o início da guerra em 7 de outubro de 2023. Combatentes do Hamas entraram em confronto com membros de Doghmosh no domingo e segunda-feira.

Clã Al-Majayda: Este grande e poderoso clã está centrado em Khan Younis, no sul da Faixa de Gaza. Seus membros entraram em confronto com combatentes do Hamas nos últimos meses. No início deste mês, o Hamas invadiu a área do clã para prender homens que disseram serem procurados por matar membros do Hamas. Seguiu-se um tiroteio, resultando em várias mortes em ambos os lados, disseram membros do Hamas e do clã. Na passada segunda-feira, o chefe do clã emitiu um comunicado nas redes sociais afirmando apoio à campanha de segurança lançada pelo Hamas para manter a lei e a ordem em Gaza, pedindo aos membros do clã que cooperassem.

Rami Hellis: O clã Hellis é um grande clã na Cidade de Gaza, centrado no subúrbio de Shejaia. Há alguns meses, um membro sênior do clã, Rami Hellis e Ahmed Jundeya, membro de outro grande clã Shejaia, formaram um grupo que opera desafiando o Hamas em partes de Shejaia que ainda estão sob controle do exército israelense. **Fonte-Reuters.**

[**Autoridade Palestina condena Hamas por execuções "hediondas" em Gaza**](#)



Combatentes das Brigadas Ezzedine Al-Qassam, o braço armado do movimento Hamas, em Deir El-Balah, no centro da Faixa de Gaza, em 13 de outubro de 2025.

A Autoridade Palestina condenou as execuções extrajudiciais e as execuções de palestinos realizadas por homens armados do Hamas em Gaza, que custaram a vida de pelo menos 32 pessoas desde a passada sexta-feira. A presidência palestina disse que os assassinatos, realizados pelo Hamas sem julgamentos justos, foram "crimes hediondos que são totalmente rejeitados sob qualquer pretexto". E continuou: "Esses actos constituem um crime e uma violação flagrante dos direitos humanos, representando uma grave violação do Estado de Direito e reflectindo a determinação do movimento de impor sua autoridade por meio da força e do terror, em um momento em que o povo de Gaza está enfrentando as dificuldades da guerra, destruição e cerco".

A Autoridade Palestina disse que tais ações minam os esforços para unificar as instituições palestinas sob uma autoridade legítima e um Estado de Direito. Ele pediu o fim das violações, a proteção dos cidadãos desarmados e a responsabilização dos envolvidos nos assassinatos. A presidência considera o Hamas totalmente responsável por "esses crimes que prejudicam os interesses supremos do povo palestino". A tentativa do Hamas de reafirmar o seu controle sobre Gaza, à medida que os palestinos começam a retornar às suas casas após o acordo de cessar-fogo entre o Hamas e Israel, fornece "pretextos para a ocupação (israelense), obstrui a reconstrução, aprofunda a divisão e

dificulta o estabelecimento de um Estado livre e independente da Palestina", acrescentou a autoridade. **Fonte-Reuters.**

Israel liberta alguns médicos de Gaza, mas um proeminentemente chefe de hospital continua preso



O Dr. Hossam Abu Safiya, director do Hospital Kamal Adwan, no norte de Gaza, está actualmente detido na prisão de Ofer, em Israel, na Cisjordânia ocupada.

Sob o acordo de cessar-fogo de Gaza, Israel libertou dezenas de médicos, enfermeiros, paramédicos e outros profissionais de saúde apreendidos durante incursões em hospitais. Mas mais de 100 permanecem nas prisões israelenses, incluindo o Dr. Hossam Abu Safiya, director de um hospital que se tornou o rosto da luta para manter o tratamento de pacientes sob cerco e bombardeio israelense. Apesar dos apelos generalizados por sua libertação, Abu Safiya não estava entre as centenas de detidos e prisioneiros palestinos libertados na passada segunda-feira em troca de 20 reféns mantidos pelo Hamas. Abu Safiya, director do Hospital Kamal Adwan, no norte de Gaza, foi preso sem acusação por Israel por quase 10 meses. **Fonte-Arab News.**

Presidente da Síria pede a Moscovo que entregue Assad



O Presidente interino da Síria, Ahmed Al-Sharaa, pedirá à Rússia que entregue o ex-governante Bashar Assad durante sua primeira visita a Moscovo.

O funcionário, que pediu anonimato por não ter permissão para informar a imprensa, disse à AFP que "Sharaa pedirá ao presidente russo que entregue todos os indivíduos que cometem crimes de guerra e estão na Rússia, principalmente Bashar Assad", o

governante de longa data que foi derrubado em dezembro e buscou refúgio em Moscovo. A agência de notícias estatal síria SANA disse que Sharaa chegou hoje quarta-feira à Rússia para "uma visita oficial para conversar com seu homólogo russo, Vladimir Putin, sobre as relações bilaterais entre os dois países e desenvolvimentos regionais e internacionais de interesse comum".

Putin discutirá o destino das bases militares russas na Síria com Sharaa durante conversas em Moscovo, disse o Kremlin. A Rússia tem duas bases militares principais na Síria – a base aérea de Hmeimim, na província de Latakia, e uma instalação naval em Tartous, na costa. **Fonte-Reuters**.

Rei jordaniano afirma preservar locais cristãos durante a visita ao Vaticano



O Rei Abdullah II da Jordânia se encontrou com o Papa Leão XIV no Palácio Apostólico na Cidade do Vaticano, acompanhado pela Rainha Rania.

O Rei Abdullah II enfatizou os esforços para preservar os locais religiosos cristãos na Jordânia durante uma reunião, ontem, terça-feira com o Papa Leão XIV no Palácio Apostólico, na Cidade do Vaticano, acompanhado pela Rainha Rania.

O primeiro encontro do Rei Abdullah com o Pontífice desde a posse deste em maio se concentrou nas relações estreitas entre a Jordânia e o Vaticano, explorando maneiras de cooperar para alcançar a paz e promover os valores da tolerância e do diálogo.

Ele convidou o Papa Leão a visitar o local do baptismo de Jesus Cristo, também conhecido como Betânia Além do Jordão. Ele alertou sobre os perigos representados pelos ataques israelenses a locais sagrados em Jerusalém e enfatizou o papel religioso e histórico contínuo da Jordânia no cuidado de locais muçulmanos e cristãos na cidade ocupada. Ele enfatizou a importância de implementar o acordo para acabar com a guerra em Gaza e fornecer ajuda humanitária adequada para aliviar o sofrimento palestino.

O Rei Abdullah destacou que a paz e a estabilidade na região só podem ser alcançadas por meio de uma solução de dois Estados, garantindo um Estado palestino independente. O Príncipe Ghazi bin Muhammad, o principal conselheiro do Rei para assuntos religiosos e culturais, participou na reunião. **Fonte-Reuters**.

Reino da Arábia Saudita garante vaga na Copa do Mundo de 2026 após empate com o Iraque



O iraquiano Zidane Aamar Iqbal, à esquerda, é desafiado por Aimar Yahya, do Reino da Arábia Saudita, ao centro, e Musab Aljuwayr, durante a partida de futebol da quarta ronda do Grupo B das eliminatórias asiáticas da Copa do Mundo de 2026.

O Reino da Arábia Saudita garantiu ontem terça-feira uma vaga na Copa do Mundo de 2026 com um empate sem gols contra o Iraque em Jeddah, na quarta ronda das eliminatórias asiáticas. O ponto disputado foi suficiente para dar aos Falcões Verdes o primeiro lugar no Grupo B e garantir sua sétima participação na final.

Enquanto a maioria dos cerca de 60.000 torcedores em Jeddah comemoravam no final, o jogo tenso e desgastante estava longe de ser fácil de assistir. Como tal, foi um reflexo de grande parte da campanha de qualificação que a precedeu. Mas poucos na multidão se importaram com isso, já que o técnico Hervé Renard, seus jogadores e autoridades sauditas comemoraram em campo no apito final. Foi um caso de "trabalho feito", com um verão de futebol no cenário mundial na América do Norte para esperar o próximo ano. **Fonte-Arab News.**

As negociações nucleares com o Irão estão de volta à mesa?



YOSSI MEKELBERG

14 de outubro de 2025



Sanções de longo prazo, no caso do Irão, estão fortalecendo o domínio da Guarda Revolucionária sobre sua economia.

Quando, no final de agosto, o E3 - Reino Unido, França e Alemanha - notificou a ONU de que o Irão estava violando suas obrigações sob o acordo nuclear de 2015, mais conhecido como Plano de Acção Conjunto Global, que impôs severas restrições às actividades nucleares do Irão, o último prego estava prestes a ser martelado no caixão

deste acordo. Um mês depois, conforme exigido pelos procedimentos, a notificação levou à activação do mecanismo "snapback", impondo uma ampla gama de sanções ao regime de Teerão devido ao que o E3 chamou de "descumprimento persistente e significativo do Irão de seus compromissos JCPOA". Quase ninguém acredita genuinamente que a imposição de mais sanções ao Irão terá um impacto imediato. Mas depois de vários anos, os EUA, que abandonaram unilateralmente o JCPOA em 2018, e a Europa estão agora mais alinhados em seus esforços para impedir que o Irão desenvolva capacidade militar nuclear. Mas isso levará necessariamente ao resultado desejado de Teerão repensar sua estratégia nuclear?

Isso é improvável porque, a menos que haja um caminho diplomático para sair dessa crise, ela pode ter o efeito oposto de reforçar a intransigência de seus governantes, especialmente em um momento em que a liderança iraniana ainda está lambendo as feridas da guerra de junho com Israel, que expôs suas vulnerabilidades de segurança depois que suas instalações nucleares sofreram um grande golpe. A decisão do presidente Donald Trump em 2018 de se retirar do JCPOA, amplamente influenciada pelo primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, destinou o acordo a permanecer em suporte de vida até que o acionamento da cláusula "snapback" efectivamente o declarasse oficialmente morto. Nesse caso, a urgência de acionar esse mecanismo não se deveu a sinais de que o Irão acelerou sua marcha em direcção à capacidade militar nuclear, mas sim à natureza do acordo de 2015.

Sob o acordo nuclear, o Irão e as potências mundiais concordaram com uma cláusula de "caducidade" que significava que certas restrições ao programa nuclear do Irão expirariam em outubro de 2025. Pode ter sido um descuido daqueles que concordaram com isso na época. Ou talvez tenha se originado da crença de que 10 anos criariam confiança mútua suficiente para passar de um acordo transacional para um transformacional que mudaria a natureza das relações entre o Irão e o mundo e, portanto, terminaria com o Irão abandonando seu desejo de desenvolver armas nucleares. Infelizmente, essa transição de transacional para transformacional não aconteceu. Além disso, do ponto de vista da negociação táctica, permitiu que o presidente do Irão na época, Hassan Rouhani, promovesse o acordo internamente como um que, após uma década de conformidade, permitiria que o programa nuclear civil do Irão operasse sem restrições.

Pode ser um caso de ingenuidade, um reflexo da diferença entre a forma como Teerão opera em comparação com o Ocidente, mas também uma tendência de chutar a lata no caminho que lhe permitiu chegar a um acordo, mas depois não conseguiu manter não apenas a letra do acordo, mas também o espírito dele. Sustentar o acordo exigiria que ambos os lados começassem a negociar bem antes da cláusula de caducidade entrar em vigor para encontrar um substituto mutuamente benéfico. Em vez disso, essas negociações foram adiadas. Com os EUA desinteressados e o JCPOA expirando em 18 de outubro, essa restrição de tempo levou a E3 a reimpor sanções. Mas isso deve ser apenas um prelúdio para a busca de um novo acordo. O momento da reimposição de sanções, tão perto da guerra de junho, sugere uma ligação inevitável, mesmo que as duas não estejam directamente conectadas. No entanto, embora Israel e os EUA afirmem repetidamente que a guerra de 12 dias atrasou severamente o programa nuclear iraniano, não há evidências claras. E de especial preocupação é o status de um estoque de 408 kg de urânio enriquecido para perto do nível de armas, que possivelmente permanece sob os escombros da instalação nuclear bombardeada por Israel e pelos

EUA, ou está escondido em outro lugar. Apesar dos danos às suas instalações nucleares e da dizimação do alto escalão das forças de segurança do país, a posição do Irão sobre a inspecção endureceu e não está autorizando os inspectores a recuperar o acesso às instalações nucleares do Irão, nem produziu e transmitiu à Agência Internacional de Energia Atómica um relatório contabilizando esse estoque de urânio altamente enriquecido.

Para todos os efeitos, o JCPOA entrou em colapso com a decisão dos EUA de abandoná-lo unilateralmente, alcançando o oposto do que o acordo pretendia alcançar. Até a retirada dos EUA do acordo, o programa nuclear do Irão era geralmente controlado. Mas nos anos seguintes, e como o próprio regime iraniano admitiu, o processo de enriquecimento foi acelerado. E agora, sem qualquer acordo vinculativo, conter a marcha do Irão em direcção ao desenvolvimento de capacidade militar nuclear será extremamente difícil. No entanto, como as defesas aéreas do Irão sofreram um golpe significativo durante a guerra de junho, isso pode tentar Israel, ou mesmo os EUA, a tentar completar a missão de eliminar o programa nuclear do Irão. O que também pode encorajar essa abordagem é o enfraquecimento do chamado Eixo da Resistência, incluindo o Hamas ou o Hezbollah, e a saída da Síria da órbita do Irão após a queda do regime de Assad.

Por outro lado, esses desenvolvimentos capacitaram os linhas-duras do Irão a exigir uma aceleração do programa nuclear para superar a vulnerabilidade de segurança do país e se encorajar com sua capacidade demonstrada de infligir danos profundos a Israel, incluindo os principais activos estratégicos deste último. Agir sobre isso pode ser um erro de cálculo perigoso, mas a ideia ainda prevalece dentro da liderança em Teerão.

Portanto, embora a escalada não seja inevitável, as sanções não são uma solução de longo prazo, a menos que todos os lados reconheçam a oportunidade de retornar às negociações diplomáticas. Além da postura e da retórica acusatória entre o Irão e o Ocidente, a alternativa menos pior para ambos os lados é entrar em uma nova rodada de negociações, por mais árduas e trabalhosas que sejam esses esforços.

As sanções de longo prazo tornam a vida das pessoas comuns ainda mais difícil e, no caso do Irão, estão fortalecendo o controle da Guarda Revolucionária sobre a economia do país. Um novo acordo com regimes rígidos de inspecção e monitoramento das instalações nucleares do Irão permitiria a eventual remoção das sanções e poderia criar espaço para que Teerão deixasse de ser um elemento inquietante na região, o que poderia levar a uma melhoria na arquitectura de segurança regional.

Yossi Mekelberg é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA da Chatham House. X: @Ymekelberg

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

